

A METÁFORA DAS TRÊS METAMORFOSES: EXALTAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO PARA A CRIAÇÃO

Enock da Silva Peixoto

Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ & Universidade Estadual do Rio de Janeiro- UERJ

enock-peixoto@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho integra parte de minha dissertação de mestrado em educação finalizada no ano de 2013. Na ocasião analisamos a perspectiva educativa presente na obra *Assim falou Zaratustra do filósofo Friedrich Nietzsche*. O texto integra *Os discursos de Zaratustra*, presentes na primeira parte do livro supramencionado que na totalidade está dividido em quatro partes. O pequeno texto que pretendemos analisar é intitulado: *Das três metamorfoses* e ele inicia os posteriores que no total somam 22 discursos. A nossa hipótese é que há neles uma concepção educativa que privilegia a exaltação da criação. Assim, analisaremos como ocorre o ato criativo para Nietzsche. As questões que nortearão as reflexões serão: o que é criar? De onde provém a possibilidade de criação? Como a criação está associada a uma determinada perspectiva educacional?

Palavras chave: Educação, Das três metamorfoses, criação, Zaratustra.

INTRODUÇÃO

O texto *Das três metamorfoses* integra o livro *Assim falou Zaratustra*, interpretado de diversos modos na história da filosofia moderna. O nosso propósito é debater como Nietzsche utiliza deste *pensamento por imagem* para destacar a criação como um valor humano fundamental. As figuras do camelo, do leão e da criança são metáforas de tipos de comportamento humano que o filósofo confronta, mas ao invés de utilizar a ferramenta conceitual típica da filosofia, geralmente pautada na tentativa de comprovar logicamente determinada tese, o filósofo parte de outra perspectiva e elabora as suas questões de forma metafórica. Cada um de nós pode ser simultaneamente leão, camelo ou criança; ou sermos apenas um ou dois deles, mas a proposta é a superação dos valores estabelecidos como verdade e assumir a atitude desinteressada e saudável da criança que visa constantemente à criação.

No presente texto, apresentaremos tais metáforas como modos de pensar o estilo de vida predominante na vida ocidental, que já no tempo de Nietzsche, estava fundada pelo controle dos interesses econômicos sobre a vida, algo que se acentuou demasiadamente nos tempos atuais. Desse modo, embora as reflexões a seguir tenham reflexos na educação institucionalizada que em grande parte reflete o *modus vivendi* predominante, ela amplia este campo para uma avaliação da vida humana como um todo, pois, as imagens do camelo, do leão e da criança apontam para o espaço no qual o ser humano possa repensar a si mesmo e de algum modo estabelecer relações autônomas em sua existência.

METODOLOGIA

Este é um trabalho de revisão bibliográfica. A partir dele pretendemos utilizar o texto do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, *Das três metamorfoses* como instrumental para pensar uma educação para a criação. Visamos contribuir, sobretudo do ponto de vista teórico, para a crítica de um modelo de educação e de cultura que cultiva a repetição, e quando valoriza a criatividade, têm em vista quase sempre, apenas os interesses do mercado. Os discentes, os trabalhadores, dispõem de pouco espaço para criar, inventar, sendo apenas repetidores de conceitos e informações prévios. Este esquema é fruto de uma sociedade onde a criação é pouco incentivada e a escola corrobora com este modelo, mais do que um problema educacional, esta é uma questão social e cultural, e neste contexto, a crítica de Nietzsche se torna relevante.

Além do livro supramencionado, utilizaremos textos de comentadores da filosofia nietzschiana visando aprofundar a reflexão sobre o tema que aponta para a necessidade de haver uma metamorfose na vida ocidental. Reflexões a partir da filosofia de Nietzsche que pretendem contribuir para o ressurgimento de novos valores, capazes de colocar em pauta a importância de lutarmos por uma existência marcada pela liberdade de ação e de pensamento.

DISCUSSÃO

Nietzsche, como fizera em todo o seu percurso intelectual, propõe uma nova postura diante da realidade, sendo ela incentivadora da atitude criadora e esta é a tônica que predomina nos 22 discursos presentes na primeira parte da obra *Assim falou Zaratustra*. O primeiro é intitulado *Das três metamorfoses* e versa sobre as três metamorfoses do espírito,

mostrando como este se transforma em camelo, em leão e em criança¹. O camelo é aquele espírito que reclama por coisas mais pesadas. Quais são estas coisas pesadas? São os valores instituídos, os mantenedores de uma determinada visão de mundo e de homem, valores que são considerados superiores. São concepções de vida que Nietzsche critica desde as suas primeiras obras, caracterizando-as como decadentes. Eles levam a “amar os que nos desprezam e estender a mão ao fantasma, quando ele nos quer assustar.”² Os valores do camelo podem ser caracterizados com a formulação “tu deves”. É difícil abandoná-los, pelo fato de serem milenares, arraigados nos homens e na cultura como um todo. Também encontramos a imagem do dragão guardião dos valores do passado. Esse dragão dimensiona o camelo a afirmar: “todo o valor já foi criado e todo valor criado sou eu. Na verdade, não deve haver mais nenhum ‘Eu quero!’”³ O dragão é a imagem de um terrível cerceamento da instintividade; representa a religião, a metafísica, os valores inalterados, “imagem que alude ao peso monstruoso, a face terrível e opressora dos ideais – que inibe coercitivamente qualquer desejo, qualquer iniciativa pessoal.”⁴ O dragão que impulsiona as atitudes do camelo não é inerte, sem coragem, sem propósito. Tanto que tem a imagem de algo feroz, ativo, que emite fogo, é símbolo de força, mas força para manter, não para intensificar a vida. Por outro lado, o dragão é ilusório, mítico, desloca o homem de suas forças mais precisas, isto é, as fisiológicas, por isso os valores nessa fase do espírito são estáticos e não lhes cabem mudanças.

O “espírito camelo” vai para o deserto e na extrema solidão passa pela segunda metamorfose,⁵ torna-se leão. Ocorre a passagem de um estágio a outro e Nietzsche não explica como isso acontece, mas é possível afirmar que não há um fundo, uma base, um fundamento pelo qual essas metamorfoses ocorreram. Elas fazem parte da dinâmica vital, emergem ocasionalmente, movidas pela força que impulsiona o homem a expandir-se.⁶ O leão é aquele que reage à atitude do camelo, reage frente aos pesos impostos e busca a transformação, mas ele é apenas reativo, não criativo: “criar valores novos o leão ainda não pode fazer; mas criar

¹ Cf. NIETZSCHE, F. *Assim falou Zarathustra*: um livro para todos e para ninguém. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 51.

² *Ibidem*, p. 51.

³ *Ibidem*.

⁴ BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche e a liberdade. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2008, p. 90.

⁵ NIETZSCHE, F. *op. cit.*, p. 52.

⁶ Nietzsche é um filósofo que questiona toda ideia de fundamento. Interpreta que no mundo não há substancialidade, estabilidade, o mundo é um jogo de forças no qual nada se fixa, tudo muda, tudo flui, tudo se transforma. (Cf. Fragmento Póstumo de 1889, 9 [91]).

para si a liberdade de novas criações – isso a pujança do leão pode fazer.”⁷ A atitude leonina é importante e necessária, ainda não produz valores novos, mas possibilita a abertura para que estes surjam.

O leão cria a própria liberdade e diz um sagrado não, mesmo ao dever.⁸ Essa atitude reativa pode estar carregada de ressentimento, de aversão ao camelo, cujo fardo pesara sobre seus ombros, pois para um espírito dócil e respeitoso, conquistar o direito a estabelecer novos valores é a tarefa mais difícil⁹. Entretanto, a atitude do leão é violenta e assim precisa ser. Para livrar-se dos valores do “tu deves”, por amor à sua liberdade, é preciso reagir com violência. Após a atitude do leão que ataca os valores do espírito ocorre a outra transmutação. A próxima mutação é a da criança. Conforme Nietzsche, ela é “inocência [...] esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer sim.”¹⁰ A criança simboliza o jogo da criação, Nietzsche afirma que para que este jogo ocorra é necessário uma santa afirmação. Afirmar significa ser capaz de criar um sentido novo para a vida, estando ela totalmente absorvida pelo presente, mas é capaz de estabelecer posteriormente uma nova brincadeira, sem estar presa à anterior. O seu jogo é sem interesse, não tem propósito, não busca nada, ela brinca apenas pelo prazer de brincar! A sua brincadeira é muitas vezes fantasiosa, irreal, mas num determinado momento cria sentido para o existir, podendo, no momento seguinte, ser substituída por outra, sem estabelecer apego pela primeira.

A criação do novo é o que Nietzsche parece indicar com a metáfora da criança, a menos comentada das três metamorfoses. Talvez com isso o filósofo quisesse deixar para os leitores a possibilidade de uma leitura própria dessa imagem: “a criança” é sempre possibilidade de ir além, inclusive para quem a interpreta. O camelo que carrega cargas pesadas está atrelado a antigos valores. Por sua vez, o leão reage com bravura, mas carrega o ressentimento dos pesos do passado e, por isso, não está totalmente livre para viver de forma afirmativa, e embora reativo e crítico aos valores, continua ressentido. A criança é símbolo da inocência, representa o esquecimento, projeta-se sem que os pesos da tradição a condicione. Ela não reage bravamente porque constantemente diz sim à vida e aceita o seu fluxo. Ao

⁷ Cf. NIETZSCHE, F. loc. cit., p. 52.

⁸ Cf. Ibidem.

⁹ Cf. Ibidem.

¹⁰ Ibidem, p. 53.

comentar sobre a criança, Barrenechea escreve que: “ela não está ligada nem à conservação, como o camelo, nem à destruição, como o leão. O artista criança, o lúdico-criador, é pura afirmação, pura atividade [...]. Ele independe do passado e do futuro, habita plenamente o presente, onde brinca gerando interpretações singulares.”¹¹

As reflexões sobre as três metamorfoses, embora não apontem ideias diretamente ligadas à educação formal, indicam para um caminho de transformação. Nesse sentido, o que podemos compreender como proposta educacional é a valorização do homem criador. E quanto ao camelo, podemos afirmar que ele é passivo? Entendemos que não, ele é ativo de acordo com a sua perspectiva, tem como base manter os valores estabelecidos, entretanto, não apenas repete ou aceita o que já foi imposto, ele não é simplesmente subserviente. Conforme a interpretação de Maria Cristina Franco Ferraz, o fato de o camelo desejar carregar sobre as costas pesos, não é para fazer sacrifícios no sentido cristão, mas “busca o mais pesado [...] exatamente para avaliar suas forças, para experimentar sua potência, o que, na perspectiva nietzschiana, se dá simultaneamente ao próprio exercício da força.”¹² O camelo não dobra os joelhos porque quer se penitenciar, rezar por suas limitações, isto seria a imagem da fraqueza, mas o faz exatamente por ser forte, para que os valores em que acredita possam ser sustentados.

O camelo é um animal resistente, é um exemplo de perspectiva educativa porque dimensiona para uma determinada visão da vida é capaz de a potencializar, de buscar ser si próprio, tanto que não teme a solidão, “marcha carregado para o deserto, marcha ele para o próprio deserto.”¹³ Sendo assim, representa uma educação mantenedora do que é estabelecido, não por servilismo, mas por depositar fé nas suas convicções. “Nessa passagem, o deserto vincula-se, de modo explícito, à escassez, à aridez e, sobretudo, à solidão e isolamento.”¹⁴ O camelo é um resistente, um guerreiro, capaz de enfrentar o deserto mais difícil que é o “seu deserto”. Nietzsche está tentando acentuar que o camelo não é decadente, mas usa a sua potência de forma reativa, pois são os valores que acata que não são intensificadores da vida.

¹¹ BARRENECHEA, M. A. 2008, p. 93.

¹² FERRAZ, Maria Cristina Franco. O que nos faz pensar -14. Homenagem a Friedrich Nietzsche por ocasião do cem anos de sua morte. Org: Kátia Muricy, Cadernos do departamento de Filosofia da PUC- Rio, 2000, 201 p. 48.

¹³ NIETZSCHE, 2010, p. 52.

¹⁴ FERRAZ, M.C.F. 2000, op. cit., p. 49.

Desde a fase inicial de sua filosofia, Nietzsche critica a educação que não expande as possibilidades humanas, tanto que começa a *Segunda consideração intempestiva* com a frase de Goethe: “De resto, detesto tudo o que só serve para me instruir sem aumentar minha atividade ou animá-la diretamente.” Observemos que a frase situa o espírito de Nietzsche frente à educação e cultura modernas. Comparando a citação acima com a metáfora do camelo, entendemos que esta última representa a afirmação daquilo que está socialmente estabelecido. Esta aponta para uma visão de mundo que luta para manter os velhos valores imprimindo na cultura uma compreensão da realidade que não contribui para o surgimento de novas interpretações vitais. Curiosamente, tomando como base a interpretação de Ferraz, o que possibilita ao camelo a transmutação em leão é exatamente a sua força, ele consegue mudar porque é capaz de superar-se, de viver a sua experiência própria, “quer conquistar, como presa, a sua liberdade e ser senhor em seu próprio deserto.”¹⁵ O camelo não poderia ser a imagem da humilhação e da penitência, tais imagens impossibilitariam que se modificasse, só foi possível a ele a transformação porque fora capaz de viver a partir de uma determinada potencialização da vida.

O leão, com a sua atitude contestadora, remete também a uma perspectiva educativa; pode aludir a uma “educação para o combate”, que luta contra os valores estabelecidos, mas é movido ainda pelo ressentimento, o que minimiza a possibilidade de uma genuína transformação criativa. Ele ainda está associado ao camelo por estabelecer uma crítica aos pesos dos velhos valores a partir destes. O seu combate não parte de algo novo, mas tem o antigo como inspiração de sua luta. Então, a postura educativa que ele indica é crítica, destruidora dos valores do camelo, mas não transformadora. Como afirma Larrosa: “O leão tem a ver com a crítica do que somos, do que nos constitui [...]. E com a crítica também do que queremos ser, de tudo aquilo que ainda está na lógica do projeto, do ideal, da autoconservação, do sentido.”¹⁶ A criança, no entanto, é a imagem que melhor representa uma perspectiva educacional coerente com o pensamento de Nietzsche, pois é inocência, recomeço e esquecimento. Ela é afirmativa e essa característica aponta para o caminho do ser humano que “quer a sua própria vontade, aquele que está perdido para o mundo conquista o seu mundo.”¹⁷ A metáfora da criança é o indicativo mais preciso do homem que está livre do peso de uma moral que não foi por ele instituída, simbolizada pelo camelo. Além disso, está liberto, também, do combate contra os valores estabelecidos, representada pela atitude do

¹⁵ NIETZSCHE, F. op. cit.

¹⁶ LARROSA, J. 2009, p. 98.

¹⁷ Cf. NIETZSCHE, F. 2010, p. 53.

leão. A criança é a imagem para aquele que avalia sempre, educando a si mesmo, através da afirmação criadora da vida.

RESULTADOS

Como trabalhamos o tema da educação do ponto de vista conceitual, entendemos que os resultados dessas análises não podem ser diretamente concretos, visando contribuir com ações pedagógicas imediatamente prática; mas a sua efetivação pretende ocorrer no universo da reflexão teórica que não está dissociada da prática, pois na realidade, emerge de uma reflexão sobre um mundo demasiadamente formal, tanto no modo de estabelecer as práticas educativas, como na forma de apresentar críticas a mesma. O resultado visa exatamente provocar o debate, a reflexão, afim de que este reverbere sobre a ação educativa e contribua, mesmo que minimamente, para as transformações urgentes e necessárias de nosso modelo de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da virtude dadivosa é o último discurso dentre aqueles que começaram com Das três metamorfoses, ele nos ajuda a entender que havia uma intenção educativa neles, tanto que se afirma quanto ao propósito de Zaratustra no início do livro, de buscar discípulos: “muitos dos que se diziam seus discípulos o seguiram.”¹⁸ Tal perspectiva demonstra o que Nietzsche escreve em relação à postura do mestre frente aos discípulos:

Retribui-se mal um mestre quando se permanece sempre e somente discípulo. E por que não quereis arrancar folhas da minha coroa? Vós me venerais; mas e se, algum dia a vossa veneração vier a morrer? Tomai cuidado com o que não quereis arrancar folhas da minha coroa? Dizeis que acreditais em Zaratustra? Mas que importa Zaratustra! Sois os meus crentes; mas que importam todos os crentes! Ainda não vos havíeis procurado a vós mesmos: então, me achastes. Assim falam todos os crentes; por isso, valem tão pouco todas as crenças. Agora, eu vos mando perder-vos e achar-vos a vós mesmos; e somente depois que todos me tiverdes renegado, eu voltarei a vós. Em verdade, com outros olhos, meus irmãos, procurarei, então, os que perdi, com outro amor, então vos amarei.¹⁹

Zaratustra só aceitará o retorno dos seus discípulos quando eles estiverem em condições de debater com ele sobre os grandes temas da vida, sem que a conversa pareça um monólogo no sentido dos discípulos serem meros repetidores daquilo que ele ensinara. Esse trecho dimensiona de modo preciso a proposta educativa no Zaratustra, pois o que se pretende é que surjam homens capazes de transporem as crenças, os mestres, os valores de seu tempo e

¹⁸ Cf. Ibidem, p. 101.

¹⁹ Ibidem, p.105.

instituírem percursos existenciais a partir do que é próprio. Retomando a análise sobre os discursos de Zaratustra, observamos que foram os velhos valores, presentes na cultura do seu tempo, que impulsionaram a crítica de Nietzsche. Todos apontam para a ascensão do homem criador. Querem impelir uma diferente forma de educação, isto é, um novo modo de se situar no mundo. Acordar do sonho transcendente, acreditar na terra e no corpo, pregar a vida. Esses são novos ensinamentos que podem conduzir a cultura à superação.

É possível sustentar que, para Nietzsche, educar é valorar e se autossuperar. O ato educativo só faz sentido quando eleva o homem à criação de novas formas de vida. Numa concepção tradicional, tais valores conduzem indivíduos e sociedade à repetição cíclica do que fora estabelecido, sem abrir possibilidades para o surgimento do que é singular. *Das três metamorfoses* e os demais discursos ainda conduzem à reflexão sobre o objetivo, o fim último da superação. Para Nietzsche, entretanto, não há lugar, não há ponto final e conclusivo, não há *télos* na vida humana. A superação inclui-se no devir característico do mundo, do próprio movimento do existir, e quando saímos desse fluxo estamos sendo portadores da morte e não da vida. Viver é superar a si mesmo e a educação, nesse contexto, não é algo que ocorre em algumas situações existenciais específicas, ou seja, na escola, na família, na política, nas diversas instituições sociais, ocorre quando efetivamente se afirma a vida, quando se estabelecem caminhos.

REFERÊNCIAS

BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche e a liberdade. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2008.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. O que nos faz pensar -14. Homenagem a Friedrich Nietzsche por ocasião do cem anos de sua morte.Org: Kátia Muricy, Cadernos do departamento de Filosofia da PUC- Rio, 2000, 201 p.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra, um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mario da Silva. 18ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. *Da utilidade e do inconveniente da história para a vida*. Segunda consideração intempestiva. Tradução de Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal- São Paulo: Ed. Escala, 2008.



LARROSA, J. Nietzsche & a educação, Belo Horizonte: 3ª edição, Autêntica, 2009.

PEIXOTO, Enock da Silva. *Nietzsche: uma perspectiva sobre a educação em Assim falou Zarathustra*. Dissertação de Mestrado em Educação- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO- ano de 2013.